

# CORPO E ENVELHECIMENTO – UMA VISÃO PRODUTIVA?

Alana Souza

**Resumo.** A noção de corpo construída socialmente toma-o como fonte de energia, daí a valorização da força física em substituição à experiência e ao conhecimento, situação que reduz a utilidade social da pessoa idosa e colabora com as construções auto depreciativas da velhice a partir do corpo.

**Palavras-chave:** velhice – corporalidade – utilidade Social.

**Abstract.** The notion of body socially developed take it as a source of energy, then we have the worthiness of physic strength replacing the experience and knowledge, this situation decrease the social usefulness of elderness and cooperate in the scoffing constructions about elderness through the body.

**Keywords:** elderness – science of body – social usefulness.

## 1. INTRODUÇÃO

Embora os temas relativos à velhice já tenham alcançado alguma visibilidade, recebendo, por isso, atenção dos diversos meios de comunicação, a velhice ainda tem sido associada ao aparecimento de rugas e perdas

ou limitações no que se refere à capacidade física do indivíduo.

Em geral, quando perguntamos às pessoas o que significa envelhecer, ouvimos como resposta um sem número de perdas que vão desde a mudança no vestuário até a imagem que possuem de si mesmas.

Somamos a este fato o poder punitivo que a idade adquiriu em nossa sociedade: ao acordar com 60 anos, o corpo adquire o estigma da velhice; e se é verdade que a lei assegurará direitos a este corpo envelhecido, é verdade também que ele passará a ser visto como aquele que definha, que já não é capaz de realizar determinadas tarefas, e que em breve será acometido por uma doença crônico-degenerativa.

Não nos causa espanto que a sociedade que cultua o corpo em sua forma “perfeita” – magro, jovem, belo -, veja no corpo envelhecido a imagem do desprezível.

Algumas questões apresentam-se como norteadoras para a compreensão da visão de corpo assimilada por nossa sociedade. A questão é saber: como e por que esta visão se consolidou, e a que interesses ela atende?

A noção de corpo socialmente aceita é baseada no corpo como fonte de energia. Este conceito solidificou-se respaldado no capitalismo, que ao impor novas formas de produção, retirou do trabalhador não apenas o domínio do conhecimento do processo pro-

duto, mas também as ferramentas de trabalho; e tornou a força física o seu bem único. Anteriormente,

Os artesãos [...] trabalhavam na rua, em oficinas de portas abertas, para que os fregueses pudessem inspecionar o produto ou serviço. Matéria-prima e ferramentas pertenciam ao artesão, um *mestre* na sua especialidade. Filhos ou parentes ajudavam mediante pagamento: eram os oficiais, que passavam pela fase de *aprendiz*, em geral de sete anos (ARRUDA; PILETTI, 1996, p. 129).

Observamos que o trabalhador era considerado mestre em seu ofício, cabendo-lhe a função de transmitir conhecimento ao aprendiz. Desta forma, havia a valorização do envelhecido pelo conhecimento que este detinha; sua “utilidade” social não se esgotava com a sua força de trabalho. Contudo,

Visando aumentar a produtividade industrial, o trabalho do operário foi substituído nas fábricas em múltiplas operações, dando origem às **linhas de montagem**. Com a divisão do trabalho, o operário perdia a noção do conjunto do processo produtivo, fragmentando o seu saber e colaborando para a sua alienação. [...] O aumento da produção em série colaborava para homogeneizar o gosto dos compradores dos produtos industriais (COTRIM, 1997, p. 261).

Esse trabalhador, submetido a um trabalho alienante, repetitivo e em condições insalubres, ao perder a força de trabalho, perdia também a sua função social.

Tendo como objetivo os maiores lucros possíveis, o capitalista industrial procurava pagar o menor preço admissível pelo salário, enquanto explorava ao máximo a capacidade de trabalho do proletariado, em busca do aumento da produção. Em diversas indústrias, a jornada de trabalho ultrapassava quinze horas diárias. [...] Os salários pagos eram tão reduzidos que mal davam para assegurar a alimentação mínima de uma única pessoa. Para sobreviver, toda a família proletária era obrigada a trabalhar, inclusive mulheres e crianças de até seis anos (COTRIM, *idem*).

Desta forma, o capitalismo trouxe como consequência a desvalorização do homem e de sua experiência laborativa. Com o surgimento das indústrias, e a necessidade de produção em série, o trabalhador passa a desempenhar um papel específico, sem ter acesso ao conhecimento do processo total de produção. Acrescente-se a isso as condições insalubres e as intensas jornadas diárias de trabalho, sem direito a férias ou descanso semanal, reduzindo o corpo à força de trabalho.

Os princípios capitalistas estão presentes na sociedade através do consumo, da padro-

“  
São os corpos  
envelhecidos  
buscando  
aceitação  
naquilo que os  
negativiza  
”

nização dos gostos, do direcionamento da mídia quanto ao que vestir, o que comer, como se portar; além, é claro, das medidas do corpo, da maquiagem e da busca pelos padrões de beleza. Esses padrões rígidos, se são difíceis de alcançar pelos jovens, também o são pelos envelhecidos, ocasionando a febre das plásticas para camuflar as idades, e alcançar aceitação social. Ou seja, são

os corpos envelhecidos buscando aceitação justamente naquilo que os negativiza, a ausência de juventude; e, desta forma, ajudam a perpetuar aquilo que o incomoda.

O corpo é tratado como objeto a serviço do consumo, em detrimento da noção de estrutura existencial: físico, psíquico, mental, intelectual e espiritual. Desta maneira, quando o físico, que atende aos interesses do capital, começa a declinar, todo o ser envelhecido é colocado à margem; e neste momento emerge um conjunto de idéias preconceituosas, passadas de maneira quase imperceptível desde a infância.

## 2. O CORPO ENVELHECIDO

O aumento da população idosa no Brasil foi registrado, a partir da década de 1960,

como um reflexo, dentre outros fatores, da redução nas taxas de natalidade e do aumento da expectativa de vida.

Várias denominações, como velho, idoso, terceira idade, melhor idade, feliz idade, têm sido utilizadas para designar as pessoas envelhecidas. Independente da categoria em que estejam englobados, contudo, parece haver um consenso de que a visão negativa do corpo na velhice é, em grande parte, fruto do sistema capitalista, conforme assinalam Minayo e Junior (2002, p. 16):

A visão depreciativa dos mais velhos tem sido, através dos tempos modernos, alimentada profundamente pela ideologia 'produtivista' que sustentou a sociedade capitalista industrial, para a qual, se uma pessoa não é capaz de trabalhar e de ter renda própria, de pouco ou nada serve para sua comunidade ou seu país.

Em outras palavras, o velho é rejeitado, pela sociedade, no momento em que perde sua força de trabalho, como afirma Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e Sociedade*. É importante notarmos também que a noção de velhice não é a mesma em outras sociedades, onde o trabalho e o consumo possuem diferentes valorações:

Em certas civilizações, a velhice é dotada de prestígio, é sinônimo de sabedoria e ex-

periência, o que leva o sujeito a conservar um papel ativo no grupo social. Isto parece ocorrer em sociedades onde o trabalho não é completamente ligado à força física. A longa experiência da vida dos mais velhos possibilita a aquisição de um maior domínio da estrutura e dos códigos culturais que regem a vida social. Nestas comunidades, os velhos mantêm a continuidade dos valores e códigos de sua cultura [...]. No entanto, na sociedade industrial moderna, onde a ênfase é dada à juventude, à capacidade de produção, ser velho representa uma perda de prestígio, um afastamento do mundo social (SANTOS, 1990, p. 22).

Esta compreensão das diferentes formas de ver o corpo e a velhice em sociedades diversas é importante porque “rompe com o senso que uma sociedade tem de seus próprios costumes, que tendem a ser concebidos como naturais e imutáveis”, afirma Debert (2003, p. 51). Alia-se a isto, o fato de o velho ainda não ter voz ativa na sociedade, necessitando sempre de alguém que fale por ele, e geralmente este alguém é o outro, o que está de fora, apenas observando. O conceito de velhice tem se solidificado como algo ruim, como uma sucessão de perdas:

Se a focalizá-los existem vários tipos de lentes, as fotografias das câmeras curiosas costumam não ir além de luzes, sombras e cores que as aparências revelam. E como

os que observam são parte da perspectiva que adotam, o que fica das imagens são as contundências dos sinais de desgaste dos corpos, os vincos da face, a voz mais cadenciada, o andar mais vagaroso ou trôpego, a queda inexorável dos músculos e a fragilidade dos movimentos. Esse retrato, que é feio em relação aos padrões de beleza que adotam o jovem como símbolo, costuma receber um veredicto de quem produz e de quem contempla. É o veredicto que assinala a velhice como problema e como doença (MINAYO; JUNIOR, 2002, p. 12).

“  
No imaginário  
popular, o velho  
é representado  
pela bruxa

”

No imaginário popular, o velho é representado pela bruxa feia e má, enquanto a fada, dos clássicos infantis é, em geral, jovem, bonita e generosa. Nestas estórias contadas às crianças, a imagem de um corpo velho, enrugado, manchado, encolhido e feio é a representação da velhice. E o que parece mais sério, este corpo envelhecido é utilizado para praticar maldades. A imagem do velho é usada para impor medo às crianças e são criados personagens como “o velho do saco”<sup>1</sup>; enquanto isso, a beleza é associada à juventude, à generosidade. E podemos notar que o envelhecimento físico parece ser capaz de promover

---

1 Velho do saco: no imaginário popular é um velho feio e mau, que carrega um saco nas costas onde leva as crianças desobedientes.

mudanças morais, tornando a fada jovem, bela e generosa numa bruxa que é velha, feia e má.

Observamos, assim, que este preconceito dito de maneira repetida, acabou por tomar forma de verdade, a tal ponto que:

No imaginário social, o envelhecimento é um processo que concerne à marcação da 'idade' como algo que se refere à 'natureza', e que se desenrola como desgaste, limitações crescentes e perdas, físicas e de papéis sociais, em trajetória que finda com a morte. Não se costuma pensar em nenhum bem; quando muito, alguma experiência. Nenhum ganho, nessa 'viagem ladeira abaixo'. As perdas são tratadas principalmente como problemas de saúde, expressas em grande parte na aparência do corpo, pelo sentimento em relação a ele e ao que lhe acontece: enrugamento, encolhimento, descolorimento dos cabelos, 'enfeimento', reflexos mais lentos, menos agilidade... Mas são expressas muito mais pelos outros do que pelos próprios velhos. Há, naturalmente, da parte dos próprios idosos, a clara percepção desse processo – tanto do corpo como da reação social a ele (MOTTA, 2002, p. 41).

Assim, ao analisar o processo de civilização dos costumes na Europa, a partir do final da Idade Média, Norbert Elias (1994) afirma que a sociedade constrói conceitos e deles se utiliza. Estes conceitos, como o de corpo e

envelhecimento, são anteriores a nós; foram formados por outros, em épocas de cultura e história diferenciada, mas são, muitas vezes, assimilados como verdades incontestáveis:

Mas eles lançaram raízes. Estabeleceram-se. Outros os captaram em seu novo significado e forma, desenvolvendo-os e polindo-os na fala e na escrita. Foram usados repetidamente até se tornarem instrumentos eficientes para expressar o que pessoas experimentam em comum e querem comunicar. Tornaram-se palavras da moda, conceitos de emprego comum no linguajar de uma dada sociedade. Este fato demonstra que não representam apenas necessidades individuais, mas coletivas, de expressão. A história coletiva neles se cristalizou e ressoa. O indivíduo encontra essa cristalização já em suas possibilidades de uso. Não sabe bem por que este significado e esta delimitação estão implicadas nas palavras, por que, exatamente, esta nuance lhe parece uma coisa natural, porque desde a infância aprende a ver o mundo através da lente desses conceitos. O processo social de sua gênese talvez tenha sido esquecido há muito. Uma geração os transmite a outra sem estar consciente do processo como um todo, e os conceitos sobrevivem enquanto esta cristalização de experiências passadas e situações retiver um valor existencial, uma função na existência concreta da sociedade – isto é, enquanto gerações sucessivas puderem identificar suas próprias experi-

ências no significado das palavras (ELIAS, 1994, p. 26 e 27).

### 3. BREVES REGISTROS

Em visita a um grupo de funcionários públicos federais, ativos, com idades entre 44 e 60 anos, foi feita a seguinte pergunta: “o que significa envelhecer para você?”<sup>2</sup>. Sem que fosse revelado o objetivo de vincular o envelhecimento ao desgaste físico, foi possível perceber que a rejeição da palavra “velho”, deve-se ao seu sentido mais usual: “tem muitos anos de vida; idoso; que existe há muito; antigo; deteriorado pelo uso; obsoleto; antiquado; antigo; ancião”<sup>3</sup>. Esta questão tornou-se clara em um dos depoimentos:

- *velho para mim é aquilo que não serve mais. Se eu tenho um sapato velho, jogo logo fora. Então, eu não sou velho, eu ainda sirvo para alguma coisa* (idoso, 55 anos).

Para idosa de 53 anos, divorciada, mãe de três filhos, de aparência alegre e cheia de energia:

- *envelhecer significa ter mais maturidade, ser*

---

2 Os nomes originais foram substituídos para preservar a identidade das pessoas.

3 FERREIRA, A.B. de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Nova Fronteira.

*mais consciente dos seus atos e eu acho que cada fase tem a sua beleza. E idade não significa que a pessoa esteja velha, porque a velhice depende da cabeça e do espírito da pessoa. Eu, por exemplo, tenho 53 anos e me sinto jovem, porque minha cabeça e meu espírito são jovens. Estou numa fase linda da vida. Velho é o mundo.*

Estamos acostumados a ouvir que a velhice é complexa e difícil, porém, todas as fases têm suas dificuldades. A questão, como afirma Motta (2002, p. 43), é que “a vida é curta e as mudanças corporais se processam rapidamente, por isso, há sempre um sentimento de brusquidão na auto-percepção do envelhecimento”. É o que percebemos na fala do idoso, 60 anos, casado, três filhos:

- *Eu não percebi que estava envelhecendo, não mexeu com meu comportamento. A velhice é uma fase, naturalmente se muda a atitude, o comportamento... Mas eu não consegui perceber envelhecendo, faço todas as coisas que vinha fazendo. Mas fazer 60 anos é um choque, um marco.*

As limitações naturais do corpo advindas com a idade foram citadas em todas as respostas, algumas vezes com bom humor, até em tom de piada, outras com um olhar para o infinito, em tom nostálgico:

- *Envelhecer para mim traz um pouco de limitações, a gente fica limitado. Depois dos 40, você*

*perde sua disposição. Você pode pensar como um adolescente, mas é limitado. Mas se a gente não pode pular a noite inteira, a gente pula a metade da noite. A gente tem limites e tem que aceitar (idosa, 49 anos, solteira, sem filhos).*

- *Envelhecer é perder um pouco da condição física e ganhar experiência, dosando as energias à proporção que o tempo passa. Envelhecer é arrepende-se do que fez de exagero na mocidade, como diz a música: 'o homem precisa saber envelhecer sem sofrer, sem chorar, cantar uma ruga que chega, sorrir da saudade e não reclamar, a gente precisa saber que até o prazer acaba um dia'. O prazer se acaba quando vai acabando a condição física (idoso, 55 anos, casado, três filhos).*
- *Envelhecer é deixar de fazer muitas coisas, principalmente no vestuário, a gente não pode usar determinadas roupas. Mas muitas vezes a gente fica velho na idade e novo no espírito (Idosa, 44 anos, casada, 02 filhos).*

Percebendo a mudança corporal, o envelhecete muda seus hábitos, quanto ao que vestir, por exemplo, e muitas vezes acredita que o tempo para o prazer passou. E embora seu corpo não seja o *habitat* de impossibilidades, aceita o recolhimento como natural: *a gente tem limites e tem que aceitar* (idosa).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreender que a nossa noção de corpo foi construída socialmente e que atende aos interesses financeiros de uma classe domi-

nante foi a resposta encontrada para a visão de corpo tida por nossa sociedade, através da análise da dimensão produtiva abordada neste estudo.

Contudo, sabemos que este não é o único caminho a ser seguido e pretendemos, noutra oportunidade, mergulhar na dimensão simbólica e imaginária que perpassa esta questão; além de abordar a noção de corporeidade - quando seria possível contemplar, também, o corpo psíquico, o mental, o intelectual e o espiritual.

Neste primeiro momento, consideramos como aspecto principal, a compreensão de que este conceito de corpo, por nós assimilado, não é único, tendo diferentes significados, a partir do lugar que se ocupa. Isto nos coloca em condições de analisá-lo criticamente e percebermos que ele não deve ser visto como definitivo.

Não se trata, obviamente, de tentar negar as implicações físicas advindas do processo de envelhecimento, mas da tentativa de abrir caminhos para compreender o envelhecido em sua corporeidade, o que implica em observá-lo para além das questões físicas. Desta forma, o declínio da força física não estará necessariamente ligado a uma exclusão social, uma vez que em outros aspectos o envelhecido, por conta do próprio processo de envelhecimento, adquire maior possibilidade de crescimento. Em outras palavras, será

possível valorizá-lo, sem que para isso ele precise camuflar-se de jovem.

#### REFERÊNCIAS

ARRUDA, José J. A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

COTRIM, Gilberto. **História e consciência do mundo**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

DEBERT, Guita G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam M. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador - uma história dos costumes**. v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

MOTTA, Alda Britto. "Envelhecimento e Sentimento do Corpo". In: MINAYO, Maria Cecília; JÚNIOR, Carlos E. A. (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; JUNIOR, Carlos E. A. Coimbra. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno

ALANA SOUZA

social do envelhecimento. In: \_\_\_\_\_.  
**Antropologia, saúde e envelhecimento.**  
Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza.  
**Identidade e aposentadoria.** São Paulo:  
EPV, 1990.

VICENTINO, Cláudio. **História Geral.** São  
Paulo: Scipione, 2003.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário da  
Língua portuguesa.** 2a ed. São Paulo:  
Ediouro, 2000.

Recebido em janeiro de 2007  
Aprovado em abril de 2007